

Ouro ou cobre? Questionamentos sobre o setting online na psicanálise de crianças

Aline Santos e Silva¹
Fabrício Vargas Marchiori²

Resumo: A pandemia de covid-19 nos arremessou, rapidamente, ao mundo do atendimento on-line. Sabe-se que o tema já vinha sendo estudado, especialmente para o enquadre adulto. Entretanto, como transpor o on-line para a psicanálise de crianças? A partir de vinhetas clínicas, vividas durante os atendimentos no período de distanciamento social imposto pela pandemia, os autores se questionam quanto aos aspectos técnicos envolvidos. O contrato, o *setting*, a caixa lúdica e o brincar são revistos à luz das possibilidades criativas/transgressoras que o momento atual impõe.

Palavras-chave: Psicanálise de crianças. Técnica psicanalítica. Setting on-line.

Introdução

A pandemia de covid-19 estremeceu o mundo. Frente a um vírus, fomos confrontados enquanto seres humanos, com a nossa impotência e finitude. A Organização Mundial de Saúde, a fim de diminuir a rapidez dos contágios e evitar o caos da superlotação nos sistemas de saúde, passou a preconizar

¹ Psicóloga; Docente e Supervisora ITIPOA Psicanálise e Criatividade; Membro do Instituto da SBPdePA.

² Psicólogo; Membro Titular ITIPOA Psicanálise e Criatividade.

o distanciamento social. Psicanalistas, no intuito de protegerem a si e seus analisandos (e socialmente implicados em não serem vetores de multiplicação da doença), passaram a trabalhar on-line. Nos consultórios, ou dentro de suas próprias casas, o atendimento passou, num piscar de olhos, de presencial ao ambiente virtual.

Cabe salientar que o atendimento via espaços virtuais já vinha sendo estudado e utilizado, na maioria das vezes com parcimônia, em pacientes adultos (Aryan et al., 2015; Carlino, 2019; Rea, 2019; Nicoliello, 2019; entre outros). Previamente ao ambiente virtual havia experiências com atendimento telefônico também (Aryan, et al, 2015). Pacientes adultos, que se utilizam da palavra como expressão da associação livre, migraram com mais facilidade técnica, apesar da evidente mudança na percepção da corporeidade nas sessões. Mas, mesmo na clínica adulta, essa migração obrigatória acionou resistências antes não encontradas, especialmente fantasias (e também realidades) da falta de privacidade e perda do lugar seguro. O silêncio, muitas vezes, adquiriu uma nova tonalidade angustiante. Enfim, o setting, para alguns, tornou-se muito ameaçador.

A partir dessas percepções, questionamo-nos: de que maneira o virtual, com todas as suas vicissitudes, poderia contemplar o atendimento de crianças? Cabe salientar que aquilo que hoje denominamos técnica *clássica* do atendimento infantil, num momento inicial da psicanálise, foi, por alguns, considerada uma grande *transgressão* (criativa, em nosso entender) da técnica. Frente à pandemia, exigiu-se uma necessária atualização *transgressora* com base na capacidade do analista de ser criativo e lúdico, sustentando o pensar psicanalítico pesquisador e crítico. Assim, a partir da tentativa de manutenção do enquadre analítico, psicanalistas estudiosos da técnica de atendimento na infância passaram a questionar a viabilidade do atendimento virtual. Precisamos, portanto, em meio à pandemia, repensar a técnica, colocando sob nova perspectiva o contrato, o setting, o brincar e a possibilidade de intervenções nesse contexto de atendimento. Ao nosso enquadre urge revisão.

Contrato: uma atualização necessária

O contrato é de suma importância para o estabelecimento do campo psicanalítico da dupla em questão. Através desse dispositivo são estabelecidos parâmetros: o que é possível, o que é pertinente e como a dupla irá se acompanhar ao longo da travessia analítica. O contrato protege o setting e mantém uma homeostase entre as diferentes partes implicadas: analista, criança e pais. É

também a partir do contrato que a assimetria necessária ao estabelecimento da transferência se sustenta.

Com a chegada da pandemia do Coronavírus, fomos todos arremessados ao atendimento virtual, muitas vezes sem dispor do tempo necessário para trabalhar os diferentes vetores dessa mudança com os pacientes. Assim, muitos *re-contratos* foram realizados no ambiente virtual. Ao *re-contrato* impõe-se falar sobre a atualização necessária do atendimento: a criança estará em que parte da casa? Utilizará fones, a fim de manter a possibilidade do sigilo? Os pais serão capazes de manter-se em outro cômodo, tal qual no consultório se mantêm na sala de espera? Sabemos que mesmo que todas essas combinações sejam refeitas, há sempre a possibilidade da atuação e quebra delas. O contrato dá a moldura ao atendimento, mas a pintura é compartilhada por cada família, criança e analista, num processo a muitas mãos. Ayran et al. (2015) colocam que na análise que faz uso da tecnologia muitos aspectos passam a ser responsabilidade do analisando: infraestrutura, acerto dos honorários e toda a administração técnica do processo. No caso de crianças, isso implica na presença maior dos pais para dar conta de tais aspectos.

Na sala de análise, os contratos são “questionados” o tempo todo. Atrasos, faltas, atrasos e faltas de pagamento, familiares que adentram a sessão. Para esse espaço, porém, há uma infinidade de textos técnicos, estudados à exaustão por quem atende crianças, que propõem diretrizes e auxiliam o processo do pensar. Já no on-line, tudo é reatualizado e revivido. Mostra-se pertinente, como dito acima, que seja *re-conversado*. Ao estabelecermos essa nova conversação, inserimos no setting também o espaço necessário para a fala sobre esse novo momento, os questionamentos e as incertezas com os quais ele nos brinda.

A pandemia, deste modo, coloca analista e paciente lado a lado, compartilhando a vivência “extrasetting” que pode revelar angústias e temores de ambos. Esse fenômeno foi definido por Puget e Wender (1982) de “analista e paciente em mundos superpostos”. O material do mundo compartilhado, mas não transferencial, manifesta-se face a situações traumáticas que irrompem o setting e fazem parte da vivência de ambos. O início dos atendimentos on-line, que não puderam ser devidamente trabalhados no vivencial, despertou essa zona pertencente a ambos. Como, por exemplo, na situação da primeira sessão on-line de Vicente. Ele e a analista iniciaram falando sobre o vírus e que, a fim de se protegerem, a partir daquele momento teriam suas sessões pela tela do celular. Vicente, passeando pela casa, mostra cômodos à analista e pede que ela lhe mostre o cômodo em que ela se encontra. A partir da exploração do ambiente, esse espaço novo, o menino propõe brincar de esconde-esconde.

Em sobreposição, o traumático do vírus, do espaço novo e o temor pelo que se revela e se esconde nesse novo momento terapêutico para ambos.

O *re-contrato* mostrou-se necessário para as crianças que já vinham em atendimento. Todavia, muitas famílias buscaram tratamento psicanalítico após o início da pandemia. Nesses casos, o contrato é eminentemente realizado a partir do dispositivo virtual. Tornou-se necessário incluir os pais e a criança na organização do espaço a ser utilizado, possibilidade de brinquedos, materiais gráficos, etc. Frente a esse novo cenário foi possível perceber o quanto o consultório, com sua arquitetura distinta, é parceiro do analista na construção e na manutenção do setting. Evidente que o enquadre virtual mostra-se viável, mas ele é diferente do que utilizamos usualmente. A mãe de Mariana, 8 anos, buscou atendimento três meses após o início da quarentena. Nas primeiras sessões, a televisão do quarto da criança estava ligada, e a menina jogava no tablet. Um irmão menor invadia o espaço, bem como a mãe. No quarto encontro, não quis o atendimento: “estou aqui jogando e não posso parar”. Foi combinado então um atendimento com os pais, no qual foi conversado sobre o modo como estavam utilizando as *telas* durante o confinamento. Além disso, explicou-se à família que seria necessário um espaço privativo, com brinquedos e material gráfico disponível. No quinto encontro, Mariana chega e diz: “Minha mãe arrumou a minha mesa. Tem folha e lápis aqui. Vamos desenhar?”. A seguir, engajou-se com o analista em fazer desenhos sobre seu jogo predileto *Minecraft*. Estabelecidas as combinações, o atendimento de Mariana pôde prosseguir.

Setting: um novo espaço para antigas questões

No início da técnica de atendimento de crianças, Melanie Klein (1980) ia até a casa delas e fazia os atendimentos utilizando o próprio quarto da criança como sala de análise. Logo de início, percebeu que, em sua casa, a criança, muitas vezes, inibia-se ao brincar, evidenciando resistências ao trabalho psicanalítico. Assim, a técnica evoluiu para a utilização de um espaço neutro, onde a criança pudesse se sentir acolhida, escutada e que pudesse trabalhar seus conflitos em privacidade. Além da sala de análise, preconizou-se a utilização da caixa de brinquedo, caracterizando a possibilidade ao acesso ao mundo interno da criança. Que efeitos teremos desse retorno à casa das famílias para o atendimento? Essa é uma resposta que só o futuro nos trará.

Protegidos dentro da sala de análise, usualmente o analista tem ideias de possibilidades interventivas quando a criança, por exemplo, quebra um

brinquedo ou brinca de modo que surja a possibilidade de se machucar. No on-line, apartados pela distância, o susto pela *atuação* dos sintomas pode prevalecer e dificultar a atenção flutuante do analista. Do mesmo modo, aparentemente, crianças com conflitivas mais primitivas, ainda em processo de formação de um *eu*, podem apresentar mais dificuldades em se beneficiar do atendimento virtual. Nessas situações, a presença e o corpo real da criança e do analista são necessários para um encontro mais profícuo. Cabe salientar, como nos diz Nicolliello (2019), que a limitação do virtual não se trata apenas da ausência do corpo físico, mas das evidentes diferenças entre um corpo-imagem e um corpo real presente na intimidade. Enfatizamos que esse aspecto é de suma importância para o atendimento psicanalítico na etapa de desenvolvimento da infância, momento da vida em que o corpo está em apreensão e significação pelo psiquismo. Entretanto, o tema extrapola a proposta deste artigo e merece um olhar mais aprofundado.

Por outro lado, a presença do analista dentro da casa do paciente, mesmo que virtual, coloca em cena alguns aspectos apenas fantasiados anteriormente. A presença dos pais, dos irmãos, o brincar no seu espaço privativo são aspectos que interferem na relação da dupla analítica. Situações antes apenas faladas podem surgir de modo surpreendente, através da presença ou da ausência de familiares em cena. Aquilo que anteriormente o analista utilizava da capacidade figurativa para imaginar, agora, pode ser atuado frente a ele na tela e traz alterações ao encontro analista-paciente.

Um ponto importante a se considerar é a questão da privacidade. As infâncias já vinham sendo invadidas, vide o *big brother* de câmeras que se tornou grande parte das escolas de educação infantil. Entretanto, o desenvolvimento de uma criança ocorre também fora do alcance do olhar dos pais: no encontro com a exogamia; amigos, escola e outros cuidadores. A quarentena acabou com essa possibilidade de encontro com o fora. Tudo que se passa com a criança, neste período, está sob o olhar dos pais, especialmente aqueles que também seguem em *home office*. Esse excesso de presença concreta certamente deixará suas marcas.

Entretanto, dado o setting, percebe-se que as questões dos pequenos pacientes retornam em busca de narração. Como vemos neste exemplo: logo no início da quarentena, a mãe de Vicente, 6 anos, optou por interromper os atendimentos. Dois meses após, solicita a retomada. Após os primeiros encontros, ocorridos sempre no quarto de Vicente, ele proclama: “Hoje tenho uma surpresa...”. Mostra, em seu quarto, uma cabana tipo iglu, com alguns brinquedos cuidadosamente escolhidos para estarem ali. Entra nela com o

celular e ali, na chamada de vídeo com a analista, tem sua sessão. Vicente organizou um setting mais privativo dentro de seu quarto, um espaço dentro desse espaço comum que apenas ele e a analista habitassem.

Brincar on-line: separados, mas juntos

O brincar é o essencial meio de comunicação entre a criança e o seu analista. O atendimento de crianças on-line nunca tinha sido sequer cogitado porque jamais se imaginaria a possibilidade de brincar sem a presença física. Entretanto, mostrou-se possível, especialmente porque nós, adultos/analistas, aceitamos ser guiados por nossos pacientes crianças nativos digitais.

No entanto, muitas questões técnicas se fizeram presentes. Entre elas: Como proceder com a caixa individual? No seu texto clássico sobre técnica do atendimento de crianças, Aberastury (1979/2008) refere que a caixa, ao longo do atendimento, adquire importância, mesmo que isso não se expresse abertamente; sendo assim, há uma infinidade de maneiras de lidar com ela. Há crianças que investem e se ocupam da caixa; outras, evitam contato com ela e agem como se nada ali lhe dissesse respeito. O modo de se relacionar com a caixa traz consigo uma comunicação sobre o mundo interno da criança.

Ao discutirmos a caixa, lembramo-nos das antigas televisões, de tubo. Isto é, as telas, antes, eram também caixas. Questionamo-nos, assim, se neste momento, para algumas crianças, a caixa lúdica não seria a própria tela em que elas se encontram com seu analista. Percebemos que, durante a pandemia, celulares, tablets e computadores arrecadaram novos investimentos: em determinado momento viraram sala de aula, espaço de brincar com os amigos (videojogos compartilhados) e também de encontro com familiares em quarentena. Fica aqui nosso questionamento quanto ao efeito da entrada desse dispositivo no setting e se ele não estaria, em determinada medida, representando a caixa nesse momento.

Outras crianças, porém, sentem que os materiais ali presentes, conscientemente investidos ou não, fazem parte do atendimento e apontam com clareza o quanto as mudanças lhes afetaram. Novos brinquedos, muitas vezes, precisaram ser inseridos no setting. Assim, os brinquedos de casa ganharam novos sentidos ao serem compartilhados com o analista. Do mesmo modo, os brinquedos presentes na casa do analista passaram a integrar esse setting também. É uma mudança sutil, mas que reverbera na sessão, pois é a inserção de um parâmetro novo num espaço que preconiza a constância. Júlia, 7 anos, questiona por que o analista está com a caixa e ela não. Faria

mais sentido se ela estivesse com a caixa na casa dela. Foi-lhe explicado que a pandemia não nos deu muito tempo para organizar essas coisas, fomos todos pegos de surpresa e que o analista seria o guardião da caixa, como o era quando ela não estava no consultório. A seguir, pergunta: “E todos esses brinquedos e jogos que tem aí na tua casa... É por que tu tem filho, né?”. Como dito anteriormente, a pandemia coloca-nos em mundos superpostos. A privacidade fica superposta também.

Desde o início da pandemia, grande parte dos questionamentos dos analistas se direcionou para o brincar. Como brincar mediado pela tela? O que parecia impossível tornou-se, gradualmente, o ponto de maior espanto: sim, é possível brincar compartilhando nesse novo espaço. Melanie Klein (1980) preconiza a técnica psicanalítica através do brincar, enfatizando a comunicação presente no ato. O brincar equivaleria à associação livre. Winnicott (1975) opera uma mudança nesse campo ao diferenciar o substantivo do verbo. Além do olhar para o conteúdo da brincadeira (conforme Klein), propõe prestar maior atenção à função do brincar na clínica (Kupermann, 2019). O que se percebe, na maioria dos atendimentos, é que ambas as funções desse brincar parecem preservadas. Na tela, a criança brinca, demonstrando o intrapsíquico e o intersíquico. João, 8 anos, em processo de ressignificar a morte do pai, ocorrida há alguns anos, nos dá um exemplo claro desse brincar possível. Em seu quarto, ele busca bonecos de super-heróis, enfileira-os, um grande e um pequeno de cada exemplar e solicita ao analista que faça o mesmo em sua casa. Super-herói pai e super-herói filho comunicando a sobrevivência do vínculo à morte. Super-herói analista e super-herói analisando utilizando o dispositivo possível para que seu vínculo não pereça frente ao coronavírus.

Entretanto, convém atentar que, ao ver-nos em pequenas telas, grande parte do corpo fica de fora. A corporeidade, sempre muito presente no atendimento infantil, fica modificada. Percebemos, em muitos casos, uma maior valorização da voz do analista, esta marcando a necessária presença viva. Vicente, por exemplo, costumava brincar de “montar QGs” com almofadas no consultório, atividade a que a analista se juntava a ele. Após organizarem o espaço, sentavam-se e lá se dava a brincadeira. Atualmente, ele monta o QG sozinho, sendo a participação da analista restrita a ver pela tela e a dar palpites e incentivar a atividade. Se a analista se cala, porém, Vicente mostra o que está fazendo e pede que ela lhe diga como fazer, onde colocar as almofadas. A voz tornou-se um dos grandes elos de ligação no atendimento on-line. Salientamos que a análise de uma criança transcorre num espaço onde, além do brincar, a palavra tem importância capital. Questionar, pensar junto, propor ideias são

intervenções que auxiliam a criança a colocar em palavras o que lhe ocorre e seus sentimentos. Dentro das telas, não apenas as palavras, mas a voz, o tom e o ritmo da fala parecem ter adquirido um novo potencial de acolhida.

Admirável psicanálise nova: ouro ou cobre?

É feito de ouro ou cobre? A pergunta posta no título deste artigo não tem resposta fácil. Parte ouro, quando se descobre que é possível manter o atendimento on-line e que crianças se beneficiam desta escuta. É possível brincar, sentindo-se muito *junto*, mesmo quando cada um está em sua casa. Parte cobre, quando se percebe que há uma infinidade de percepções perdidas pela falta da corporeidade e pelo sentimento de distância que, por vezes, prevalece.

No clássico *Admirável mundo novo*, lançado em 1932, Aldous Huxley (1932/2014) narra o ano de 2540. Nesse futuro distópico, todos têm a obrigação da felicidade, via condicionamento e manipulação das características de personalidade. Pensamos que enxergar unicamente a parte *ouro* do atendimento on-line seria, de modo um tanto ingênuo, admirar-se com a “nova psicanálise”, sem perceber suas nuances complexas e ainda não compreendidas. Acreditar, por outro lado, que é apenas *cobre* seria não apostar na capacidade criativa dos psicanalistas e de seus analisandos.

Pensamos também que o ouro esteja no que pôde ser mantido do presencial no on-line: a disponibilidade, a acolhida e a proposição de juntos ultrapassar este momento tão ímpar de nossa vivência. Analistas seguem implicados com seus analisandos, sobrepujando a pandemia, afirmando a força de um vínculo que jamais havia sido colocado à prova de forma tão impactante como nessa travessia de meses de quarentena.

Talvez o melhor entendimento venha de Henrique, pequeno paciente de 7 anos. Durante uma sessão, mostra ao analista a carteira cheia de dinheiro de brinquedo. Diz: “Estou rico. Mas esse dinheiro é de brinquedo.”. Logo completa: “Sou que nem aquele rei que quando tocava nas coisas transformava tudo em ouro.”. Sentir-se um pouco rei Midas talvez seja necessário neste momento de tantos arroubos ao narcisismo humano.

A pandemia mostrou-nos tudo que devíamos deixar de fazer: agrupar, abraçar, permanecer no mesmo espaço. Mas também nos ensinou que é possível estar junto de outra maneira, on-line. Este é o momento em que o cobre da distância imposta pode tornar-se o ouro do encontro. Neste momento, é inviável trabalhar com a pureza e a maleabilidade do ouro, adicionamos a ele,

portanto, o cobre, que lhe endurece a liga e torna-o joia mais resistente. Esta é a psicanálise renovada, vivida de um modo absolutamente novo, mas buscando o de sempre: trabalhar a intrasubjetividade através da intersubjetividade.

Is it gold or copper? Questions about the online setting in children's psychoanalysis

Abstract: The covid-19 pandemic hurled us, quickly, into the world of online psychoanalysis. The theme was already being studied, especially for the adult setting. However, how to deal with online children's psychoanalysis? Based on some clinical histories, experienced during the period of social distancing imposed by the pandemic, the authors questions themselves about the technical aspects involved. The contract, the setting, and the play are reviewed based on the creative/transgressive possibilities that the current moment imposes.

Keywords: Children's psychoanalysis. Psychoanalytical technic. Setting online.

Referências

- Aberastury, A. (2008). *Psicanálise da criança: Teoria e técnica*. Artes Médicas: Porto Alegre. (Original publicado em 1979)
- Ayran, A., Briseño, A., Carlino, R., Estrada, T., Gaitán, A., & Manguel, L. (2015). Psicanálise à distância. Um encontro além do tempo. *Calibán*, 13(2), 60-75.
- Carlino, R. (2019). Ciberanálise: ano 2019. *Calibán*, 17(1), 90-92.
- Huxley, A. (2014). *Admirável mundo novo*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Azul. (Original publicado 1932)
- Klein, M. (1980). *A técnica psicanalítica através do brinquedo: Sua história e significado*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan.
- Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* Zagodoni Editora: São Paulo.
- Nicoliello, R. (2019). Qual a distância entre nós? *Calibán*, 17(1), 103-105.
- Puget, J., & Wender, L. (1982). Analista y paciente en mundos superpuestos. *Psicoanálisis*, 7(3), 503-521.

Rea, S. (2019). A analista, o Skype e o que acontece entre eles. *Calibán*, 17(1), 98-100.

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Ed. Imago: Rio de Janeiro.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 14/09/2020

Aceito em: 19/10/2020

Aline Santos e Silva
Rua Vasco da Gama 423/504
90420-110 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: alinessilva76@hotmail.com